

A QUESTÃO DO TABACO

RISOS E LAGRIMAS



RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

Emquanto uns choram riem outros, é preceito tão velho como a humanidade.

Assim, enquanto Burnay, trajando o luto rigoroso da viuva, vai depor sobre o tumulo do *Habilitado* a sentida corôa de perpetuas, Marianno, jovial, no convivio dos amigalhotos, vai pondo gaudiosamente luminarias na barriga...

O CRIME DO ROCIO

João Correia Galvão, o cúmplice

Gabriel Archanjo dos Santos, o assassino



O cadaver de D. José Rodriguez, no quarto das observações do hospital de S. José.

POR AHI...



N'este campo solitario,
Onde a desgraça me tem,
Fallo, ninguém me responde!
Olho, não vejo ninguém!

Mal suppunha o inspi-
rado trovador d'aquella
popular e desprezenciosa
quadra, que ella viria,
longos annos depois de
publicada, a ser a syn-
these perfeita da cidade
de Lisboa, na 3.ª semana
do 8.º mez do 87.º anno
do seculo XIX da era
christã!

Porque a verdade é que, o furor da villegiatura,
deixou a cidade completamente abandonada e solitaria.

Falta-lhe só estar delirante para se transformar no
vivo retrato da joven Lilia...

Se a cidade continua *solitaria* por esta fórma, ve-
mo-nos obrigados a pedir providencias ao governo...
Providencias e pevide de abobora.



A companhia dos caminhes de ferro portuguezes,
depois de se ter emancipado, do chamado *grupo fran-
cezes*, é que está parecendo exactamente uma *evasão de
francezes*, visto ser ella quem promove o abandono da
cidade, com os seus comboios a preços reduzidos.

Ha quarenta e oito horas que nos faltam todas as
peças indispensaveis á engrenagem da nossa vida.

Pela manhã faltou-nos o gallego que nos faz as com-
pras.

Ao meio dia faltou-nos a rapariga que nos faz a
cama.

A' noite faltou-nos o commendador que nos faz a
perna do voltarete.

Andam todos em villegiatura.

A rapariga foi para Faro.

O gallego foi para Cintra.

E o commendador foi para a Gallisa.

Uma verdadeira monomania de tomar arcs patrios!

A' cautella acabamos de atarrachar com parafusos
o tinteiro de que nos estamos servindo.

Como é de loiça das Caldas, não fosse o diabo ne-
gro que se lembrasse de aproveitar os comboios a pre-
ços reduzidos para tambem ir tomar arcs patrios até á
Fabrica de Faianças.



Pelas ruas de Lisboa não passa nem viv'alma!

Foram-se todos:

O magistrado,

O advogado,

O homem de estado

Et cœtera e tal...

Foram-se todos, menos o fadista. Esse ficou por
inteiro e cremos até que melhorado em condições nu-
mericas.

Se não fôra a circumstancia d'este despovoamento
geral, que levou para fóra da cidade os proprios des-
pachantes da alfandega, acreditaríamos que nas últi-
mas quarenta e oito horas se tinha até despachado
alguma avultada partida de fadistas...

Naturalmente passaram aos direitos o que decerto
lhes não succederia se fossem melancias de vintem.

Para as melancias tem sempre o fisco um olho vivo:
mas os fadistas gosam de entreposto livre — não em
em Cascaes, como o desejava o sr. ministro da fazenda,
mas no coração da cidade, como o pretendia a Asso-
ciação Commercial.



A's duas horas da noite, no descampado do Rocio,
tendo apenas por testemunhas—lá em cima, as estrel-
las de prata e o Dador de bronze; cá em baixo uma
guarda de soldados municipaes, todos do Instituto dos
surdos mudos; ás duas horas da noite a fadistagem
rodeava um grupo de homens e de mulheres que reco-
lhiam pacificamente a suas casas, insultava as mulhe-
res, provocava os homens, e acabava por esfaquear um
d'elles, um trabalhador e inoffensivo artista hespanhol
—talvez no singello intuito de lhe demonstrar que a
navalha, tão apregoadamente imputada como attributo
do povo castelhano, não passa n'aquelle paiz d'uma
simples theoria, e que nós os portuguezes temos a pra-
tica consumada...

Estrugiram palavras obscenas dos fadistas, protes-
tos vehementes dos provocados, gritos afflictivos das
mulheres, mas no descampado do Rocio conservaram-
se impassiveis—lá em cima, côr de prata, as estrellas
do firmamento; côr de bronze, o festejado auctor da
carta constitucional da monarchia; e cá em baixo, côr
de burro quando foge, na arcaria massiça do theatro
de D. Maria II, o menestrel vitalicio de todas as so-
peiras nacionaes, sob a forma modesta e a farda irre-
sistivel d'um soldado da guarda municipal, o casto so-
nhador, o scismador ideal, que áquellas horas do alto
silêncio, quando a phantasia do homem mais se con-
centra e medita, cuidava apenas do thesoiro de cantaria
confiado á sua guarda, não viesse um zephиро trai-
çoero que lh'o arrebatasse em peso sobre as azas de
tarlatana—com alicerces, Gil Vicente e tudo...

E recitava, recitava indubitavelmente o trovador da
1.ª companhia, n'aquella toada melancholica que em-
bala a voz de todos os tenores apaixonados, com praça
no regimento da guarda municipal...

E a voz, dizia assim:

— Dormes e eu velo, seductora *sôpa!*

Grata cachopa que na rua eu vi!

Dorme, *impossivel!* que encontrei á tona...

Dorme e resona, que eu descanto aqui...

— Dorme, e eu descanto, a acalantar-te o somno,

N'um doce entono, no mais terno arrulho...

Dorme, e não vejas que se mata gente

Mesmo na frente da força armada, que não esta
para a massada de acudir ao búrulho...

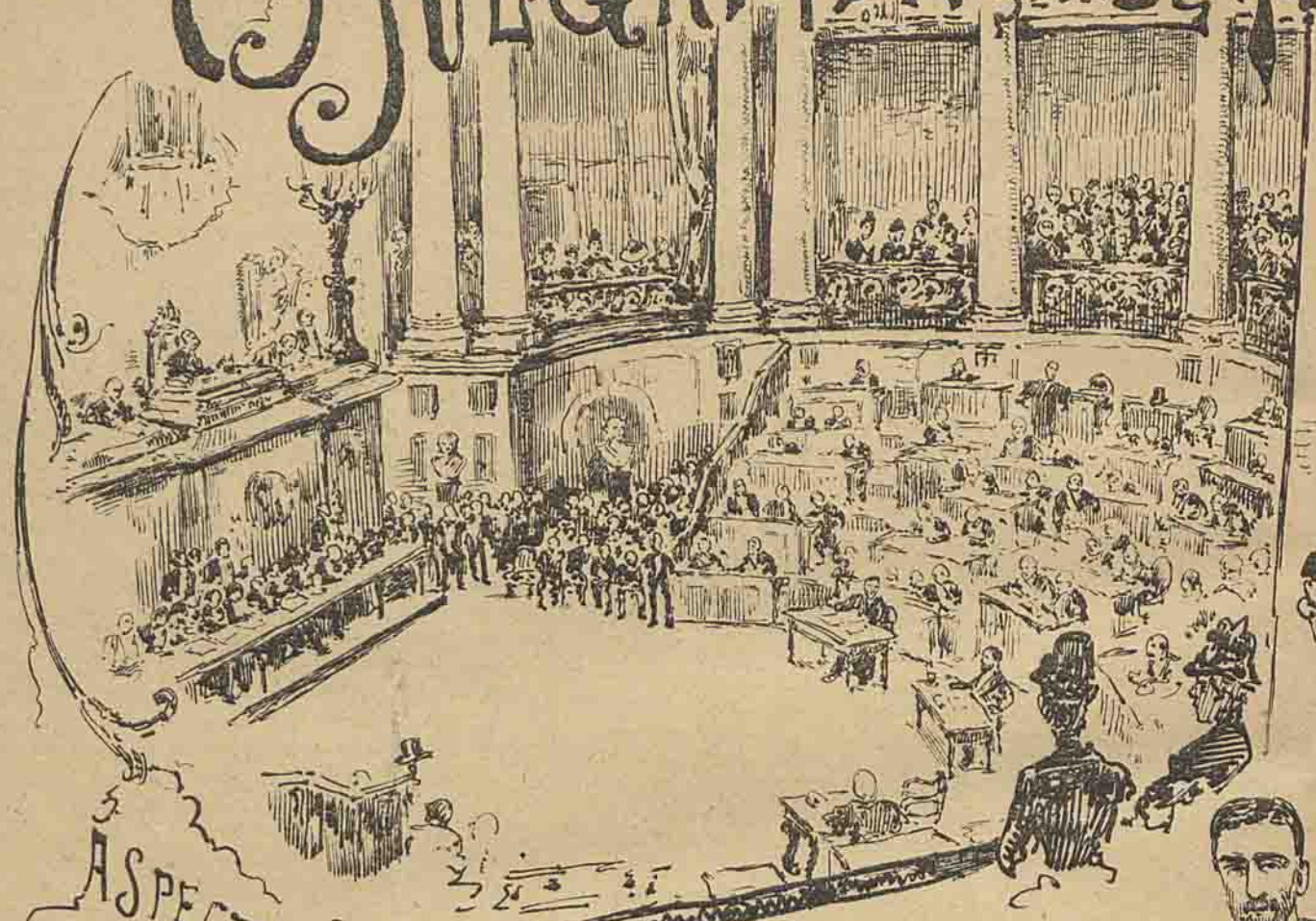


Considerando, pois, que temos uma guarda muni-
cipal de menestreis apaixonados, que apenas desper-
tam para nos esfregar as costas quando açulados pela
garotada que se evade;

Considerando mais na difficuldade pratica de obter
um policia para guarda permanente da barriga de cada
um—pela razão da natureza não haver dotado cada
pansa d'um theatro, porque então os policias seriam
por dezenas em cada bandulho nacional;

Considerando, finalmente, que os estrangeiros, mal

O JULGAMENTO DE FERREIRA D'ALMEIDA NA CAMARA DOS PARES



ASPECTO GERAL DA SALA



MESA DA PRESIDENCIA

ATTITUDE DO ACCUSADO



AS TESTEMUNHAS

RARNHEL BORBALLO PINHEIRO
CROQUIS DA GALERIA.

H.C.B. C. J. P.



LUCIANO MONTEIRO O BRILHANTE



ALGUNS MASSADORES MENBROS DO JURJ

O ESCRIVAO A LER PARA SI

EPISODIO



PRESIDENTE: O SEU EMPREGO?

TESTEMUNHA - (ARRREGAÇANDO O SAIO) PADRE... DAS LIGAS - P. CASADO? SEM LIGA... COES.

tendo a noção da nossa existência geographica, mais difficilmente poderão ter conhecimento da nossa vocação pelas tripas do semelhante;

Parece-nos de todo o ponto indispensavel que a camara municipal de Lisboa, no intuito de garantir quanto possivel a integridade intestinal de incautos forasteiros, prescindia quanto antes d'aquelle c'atraio á vella, que anda ahi pelos candeeiros de iluminação e outros pontos, representando inexplicavelmente as armas do municipio, e o faça substituir por emblema mais contentaneo e mais a proposito com a nossa indole, com os nossos habitos, e com as nossas aspirações:

—Uma barriga de burguez pacifico, atravessada por uma navalha de ponta e mola...



POLITICA EM BOLANDAS



A sessão legislativa que acaba de encerrar-se foi um verdadeiro soneto de Bocage: viva, apimentada, saborosa como bolacha de funcho, e, para que nada lhe faltasse no termo da comparação, até fechou com chave de

oiro, exactamente como os sonetos do grande poeta setubalense!

Chave de oiro de vinte e duas libras, com o contrapeso de dez tostões em prata, dada á ultima hora aos representantes do paiz—assim á laia de premio de consolação para os que não conseguiram, a despeito de todos os esforços, alcançar mais almejado premio chegando á pista do campanario...

Quasi ao encerrar da sessão ia-se travando grave pancadaria — como succede sempre ao levantar das feiras — provocada por um phrase do sr. presidente do conselho, que disse «ter feito dictadura porque entrára para o governo havendo feito esse pacto com el-rei.»

A opposição levantou a phrase e quiz por força que o sr. José Luciano lhe pozesse para ali em pratos limpos a questão do pacto com el-rei.

Então o sr. presidente do conselho declarou que punha em pratos limpos não o pacto mas o pato, porque fóra um pato, sem e, que elle fizera com el-rei, e não um pacto com e, como a opposição cavilosamente interpretára.

El-rei e o ministro não tinham feito de conspiradores encartados: fizeram apenas de cozinheiros amadores.

Não se tratava d'uma traição: tratava-se d'uma pe-tisqueira.

O que o sr. D. Luiz fizera com o sr. José Luciano não fóra um pacto com e, fóra um pato com arroz

Até, por tal signal, quem fez o arroz foi o sr. José Luciano; e o pato foi o sr. D. Luiz...



À AMERICANA

DIALOGOS

O CLERO



—Tenho uma dor n'um joelho
Que me põe em serio apuro,
E o corpo todo vermelho.
Como um tomate maduro!

—Esse mal se desarreiga
Sem que a Deus faça promessas:
P'ra as torradinhas manteiga,
P'ra isso agua de Caneças...



A NOBREZA

—Porque é que o Hintze, tão serio,
Tão triste com os cyprestes,
Atacando o ministerio
Fez bexiga um dia d'estes?

—Mysterios que agua enthesoura...
Pede ao Neves que t'os diga...
Não ha como agua de Moura
P'ra arrijar bella bexiga!



O POVO

—Mal de mim! 'stou tão pelintra!
Nem posso, em rapida fuga,
Ir de comboio até Cintra
Beber agua da Sabuga!

—Em Lisboa, a passos breves,
Tendo dez reis dispendido,
Bebo-a tão fresca no Neves
Como o seu proprio appellido...



CONTOS BESTAS UM GRANDE INVENTO

Um sabio—dos d'uma canna—
Com trabalho gigantesco,
Descobriira uma tizana,
Droga, pomada, ou refresco,
Que pegava a carne humana.
—Sendo cortada de fresco.



P'ra provar, ante a sciencia,
Quanto a tal droga era boa,
Realizando uma exp'riencia
Na sua propria pessoa,
Prepara um tacho da essencia
Mais uma zaragatoa.



Isto feito, diz á pressa
P'ra o criado lorpa e rude—
—Quando eu cortar a cabeça,
Põe-m'a na mesma attitude,
Antes que o sangue arrefeça,
Pegando-a co'a aquelle grude.



E, sem mesmo esp'rar do moço
A mais curta reflexão,
Vibrando como um colosso
Formidavel facalhão,
Ferra um golpe no pescoço,
Cae-lhe a cabeça no chão!



Accode lesto o criado,
Dá grude á pressa, zás-trás,
Mas, p'lo caso atarantado,
E de si pouco sagaz,
P'ega a tóla do outro lado,
Pondo-lhe as ventas p'ra traz!



Mal o pescoço foi posto
Co'aquellas malditas pressas,
O sabio, inclinando o rosto,
Ao mirar extranhas peças,
Morre logo de desgosto
Por ser tão feio—as avessas...

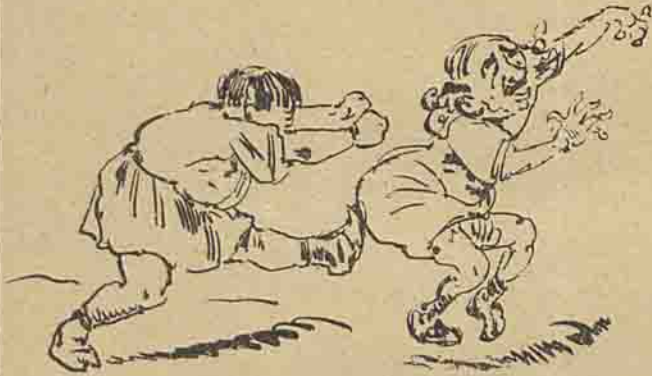
Augusto Baridella Pinho

Paulo Coelho

AS «NOVIDADES»



«Alcibiades—que, como todos sabem, foi por vezes apanhado nas travessas da Espera em Athenas,—levou um dia dois pontapés de Ariphton, um sujeito que tinha pela porca devassidão d'aquelle Vallada» grego o mesmo



despreso que nós sentimos pelo amante contemporânea dos corneteiros de caçadores. Ora Alcibiades, sentindo o pé punidor em sitio onde não costumava levar aquellas pancadas, refilou contra o aggressor, pretendendo agarral-o a dente:

—Mordes como uma mulher, disse-lhe Ariphton, n'uma ultima allusão desprezível á torpeza do seu vicio.

Comnosco succede caso parecido. Como demos ha dias, despresivelmente, com o pé na influencia do marquez de Vallada, ao enconral-o na lista dos antigos



governadores civis regeneradores, o Alcibiades das escadas de travessa foi hoje para a camara dos pares tentar morder o sr. ministro das obras publicas, que nem guiou a nossa penna, então, nem pôde impedir o nosso pé, agora.

Se tivéssemos, pois, que refazer a phrase de Ariphton, optaríamos por esta:

—Nem mordes como uma mulher; mordes como uma porca!

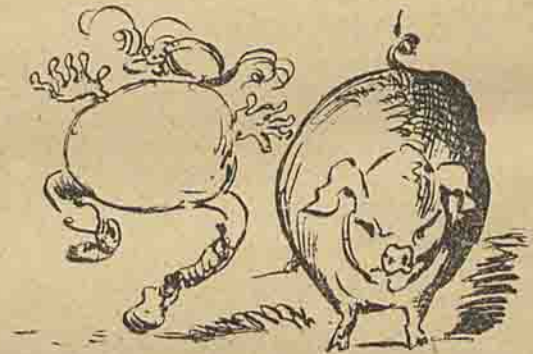


Parece que os queixumes da porca ou do porco sujo foram por aqui o termos notado como «sem classificação». Pois bem: vamos pedir a uma commissão de varredores de lixo, que remedeiem a falta, se poderem.

Estamos já d'aqui a vêr a scena:

Dois d'esses varredores, emporcalhados na montureira, pegam nos restos d'um papel sujo, e suspendem com asco essa sujidade malteza, esse bailio amarfanhado. Um tapa o nariz—o outro volta-o com uma teuzaz. Por fim, dirão, unanimemente:

Está classificado. E' um chato—do tamanho d'um porco!



Assim definitivamente classificado, ha de um dia a historia vingadora fechal-o com o marquez de Sade dentro d'uma sargeta. Como os dois grillos dentro da gaiola, esses dois titulares aproximados pelo cano de esgoto, poderão comer-se um ao outro.



E' fora com a sujidade—que principiamos a sentir engulhos!... Nem de mão no nariz—como á perdiz!...

RAFAEL BORDALLO GOMES